

SILVA, Amós Coelho da; NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate; BOECHAT, Walter (Orgs.) Um semeador no campo das humanidades: Junito Brandão e seu legado na mitologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

Edila Vianna da Silva*

Amós Coelho, Carlinda Nuñez e Walter Boechat são os responsáveis por reunir em *Um semeador no campo das humanidades: Junito Brandão e seu legado na mitologia*, livro de homenagem ao centenário de Junito Brandão, um texto inédito do “grande divulgador da antiguidade greco-romana para diferentes plateias”, além de uma coletânea de artigos de vários especialistas da área de Letras e de outras áreas sobre temas que dialogam com a obra do grande intelectual brasileiro.

Introduz o volume um texto de apresentação do homenageado, biografado brevemente por Deonísio da Silva. A seguir, apresenta-se um texto inédito de Junito Brandão, em que o autor discorre sobre *O lirismo: de Sólon a Cartola*, em sete seções, desde a origem do termo *lirismo*, ao contexto histórico e social do lirismo grego, sua origem, modalidades e instrumentos, considerando os dois elementos que o constituem: o musical e o literário. De forma detalhada, Junito descreve o perfil histórico das manifestações da poesia lírica grega, em seus vários tipos, entre os quais a *elegia*, que, a partir do século XVI reapareceu em todas as literaturas e, segundo o autor, chegou a

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n67.341>

* Universidade Federal Fluminense, edilavianna@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6704-9990>

Carlos Drummond de Andrade. Caracteriza a *ode* em suas variações, não só a violentamente apaixonada de Safo, mas a de Anacreonte, o “poeta do prazer”, de excelente erudição mitológica, sem esquecer a *ode coral*, que originou o teatro grego.

Em outro capítulo, analisa a literatura latina, caudatária da grega, uma vez que, citando Plínio, o Velho, afirma que os romanos eram sedentos por “tudo quanto representasse valor e utilidade”, razão de não terem criado uma literatura própria, mas, como contraponto, com seu admirável dom de assimilação “adotaram a literatura grega inteira...: epopeia, lirismo, teatro, oratória, história, filosofia.” Nessa seção, nosso autor analisa as obras de Catulo, divididas em três grupos: as líricas, os poemas alexandrinos e, por fim, os epigramas e dísticos elegíacos.

Dedica-se, na segunda parte do estudo da literatura latina, ao comentário da obra de Horácio, em que se destaca a *Arte Poética*. Para Junito, Horácio escreveu pouco, fato devido à “meticulosa escrupulosidade na elaboração técnica de suas poesias.” Destaca a mudança na *ode* horaciana, que perde seu caráter musical e cênico para tornar-se objeto de reflexão. Finalizando a primeira parte do livro, Junito comprova que o lirismo continua bem vivo, seja na poética de Fernando Pessoa, seja nas canções de Cartola.

Depois dessa introdução, a obra divide-se em duas partes: dois artigos sobre tradução compõem a primeira delas e onze trabalhos sobre o simbolismo da linguagem formam a segunda.

Na primeira parte, Carlinda Fragale aborda o trabalho metódico e erudito do homenageado, especialmente, a tradução da tragédia *Os persas*, de Ésquilo, “a mais antiga das tragédias gregas preservadas”. A estudiosa chama-nos a atenção para a escrita memorável de Junito, que mantém o estilo e as estratégias artísticas de seu autor.

Ainda nessa seção, Tereza Virgínia Barbosa, destaca o trabalho de Junito na tradução de tragédias e comédias gregas. Aborda, em especial, a tradução da peça *Alceste* de Eurípedes, em que meteticulosamente explica

seus aspectos sutis, nos quais se incluem comentários de história, filologia, literatura e mitologia grega.

Inicia a segunda parte o artigo de Paula Boechat, em que a médica e analista, interessada em estabelecer paralelos entre a Psicologia Junguiana e a Terapia Familiar Sistêmica, estuda, com base nos mitos gregos ensinados por Junito em suas aulas, a família de Zeus e Hera.

Outro analista junguiano, Walter Boechat, discorre sobre a importância do mito na compreensão das manifestações do inconsciente e na elaboração de base sólida para a teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos de Jung. Nessa tarefa, ressalta o papel essencial de Junito Brandão, por meio de seus estudos mitológicos, para o desenvolvimento da psicologia junguiana no Brasil.

O texto de Amós Coelho, a seguir, investiga, em *A linguagem simbólica do homo sapiens: nil satis*, a subjetividade do epíteto, que o articulista considera não apenas um jogo estilístico, mas uma criação estética. Comprova seu ponto de vista por meio de comentários de epítetos e detalhadas análises na literatura brasileira, tais como a de *I – Juca Pirama, de Gonçalves Dias*.

Simone Caputo, tomando por base a *imago mundi da deusa Afrodite/Vênus e suas camadas de significados*, desenvolve um estudo dos textos literários cabo-verdianos para ressaltar o modo como esses textos representam reflexões sobre a criação do país, sua cultura e sua arte, privilegiando conceitos de intertextualidade e de circulação das imagens, no entrecruzamento da literatura com outros sistemas semiológicos.

A *Mitologia grega*, talvez a obra mais conhecida de Junito Brandão, inspira o texto de Maria Fernanda Gárbero. Com base no *Mito das 5 Idades*, apresentado nas referências ao poema *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, “alegoria da degradação dos valores por meio dos metais”, a articulista, em uma leitura atualizada do mito, traça um paralelo entre a implementação de um projeto de eliminação dos opositores da ditadura argentina (1976) e a Idade do Ferro. Associa alguns sentidos dessa era à história recente da Argentina, em que o movimento das *Madres de Plaza de Mayo* representou a resistência ao silenciamento imposto pelo governo ditatorial.

Em *O furor de Hércules: uma leitura possível*, Miriam Sutter, faz uma releitura da tragédia *Hercules furens*, de Sêneca para assinalar que, na época imperial de Sêneca, a chamada “mitologia romana não era mais uma importante referência para os romanos que já consideravam a filosofia sua principal “bússola individual”.

Márcia Regina de Farias Silva, em *O herói, a morte e a escatologia* apresenta várias reflexões a partir da figura do “herói” da antiguidade clássica, estabelecendo as semelhanças e as diferenças entre os heróis homéricos e o herói virgiliano. Discute a construção e a reconstrução dessa figura desde a origem até os dias atuais e compara os heróis midiáticos com aqueles da Antiguidade.

Isabela Fernandes e Felipe Carvalho também atualizam o simbolismo dos ritos de passagem ao estabelecer um diálogo entre duas narrativas (o mito grego do rapto de Perséfone e o conto *O búfalo*, de Clarice Lispector), em que abordam o tema arquetípico da morte simbólica.

Em um artigo bastante elogioso a Junito Brandão e seu grande conhecimento dos clássicos, Dulcileide Braga e Fernanda de Lima comparam Junito a Calímaco de Cirene, por terem em suas épocas compartilhado um conhecimento transformador, essencial para a permanência dos estudos clássicos. Calímaco inova, ao trazer para a sua poesia “o conhecimento literário anterior em novo formato: o dos epigramas”. Junito Brandão, similarmente, representa o resgate do conhecimento sobre a cultura, a literatura e a mitologia clássicas, no entender das autoras.

O artigo final do volume resenhado, de Leonardo Kaltner e Melyssa Santos, sob o título *São José de Anchieta e a cultura clássica na América portuguesa* faz considerações sobre a recepção do humanismo renascentista português. Seguindo a proposta de Junito Brandão, seus autores em perspectiva interdisciplinar com os estudos de Mitologia e de Literatura Comparada, apresentam reflexões para a interpretação do “pensamento linguístico e das práticas gramaticais” de São José de Anchieta e constata a presença do que denominam de uma “mitologia brasílica” nas obras de Anchieta.

Fecha a obra o poema *Grafites do trágico*, de Marco Lucchesi, em que, homenageando Junito, demonstra seu vasto saber sobre os Clássicos.

Os textos dessa coletânea de homenagem aqui resenhada funcionam como um reencontro com a obra incomparável de Junito Brandão e chamam a atenção para a necessidade do retorno aos clássicos, tão necessário nessa época de afastamento da cultura humanística.